

MAD MAX: ESTRADA DA FÚRIA: MACHISMO VS FEMINISMO

Patricia Veronica Moreira¹

Resumo:

Neste artigo, analisamos uma polêmica iniciada com o lançamento do filme Mad Max: Estrada da Fúria, seguido da publicação de matérias online, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, em que jornalistas e blogueiros produziram simulacros dos discursos de si e do Outro, no que tange ao machismo e ao feminismo. Desta forma, seguiu-se como referencial teórico-metodológico a hipótese de polêmica proposta por Maingueneau, na sua relação interdiscursiva e na produção de simulacros.

Palavras-chave: Maingueneau; Simulacro; Polêmica; Feminismo; Machismo.

Abstract:

In this paper, we analyze the polemics started with the release of the film Mad Max: Furious road, followed by the publication of articles on the internet, in the US as well as in Brazil, in which journalists and bloggers produced simulacra of their own discourses and the Other, related to chauvinism and feminism. For this reason, this paper followed as methodological and theoretical framework the polemic hypothesis proposed by Maingueneau, in the inter-discourse relationship and on the simulacra production.

Keywords: Maingueneau; Simulacrum; Polemics; Feminism; Chauvinism.

Introdução

Neste artigo discutimos a polêmica veiculada na internet, em sites e blogs, após o lançamento do filme *Mad Max: Estrada da Fúria*, 07 de maio de 2015, nos Estados Unidos. Tal polêmica iniciou-se com a publicação online da revista TIME “Escritora de Monólogos da Vagina, Eve Ensler: Como Mad Max: Estrada da Fúria se tornou um ‘filme de ação feminista’”, por Eliana Dockterman, em 07 de maio, também. No dia 11 de maio, o blog *Return of Kings* (doravante ROK) publicou: “Por

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação de Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/ Araraquara, São Paulo. moreira.patricia.letas@gmail.com

que você não deveria ver ‘Mad Max: Estrada Feminista’”, por Aaron Clarey, resposta à leitura da matéria de Dockterman, isto é, um convite aos internautas para “boicotarem” o filme. Depois disso, a notícia se tornou viral na internet e vários sites brasileiros publicaram seus textos, polemizando a reação de Clarey.

Selecionamos, para representar tal polêmica no Brasil, matérias publicadas, no dia 15 de maio, em três sites, todos motivados pelo texto de Clarey: 1) o Blog *LadoBi*, representante da cultura LGBT, com a matéria “Ativistas pelo machismo querem boicotar ‘Mad Max’ por ‘excesso de Charlize Theron’”, por James Cimino, 2) O site *OGlobo*, com “Releitura de ‘Mad Max’ gera polêmica entre ativistas dos direitos dos homens” e 3) o site *Uol*, “Ativistas pelo machismo promovem boicote contra ‘Mad Max: Estrada da Fúria’”. A escolha desses textos se deveu ao objetivo de resgatar a construção de identidade de si e do Outro, pela produção de simulacros dos discursos em confronto: machista e feminista. Portanto, pelos conceitos circunscritos na Análise do Discurso (AD), passamos pelos dizeres do Outro nos textos selecionados, procurando apreender os efeitos de sentido produzidos, oriundos de uma ou várias formação(ões) discursiva(s), doravante FD, para melhor compreender a polêmica na relação interdiscursiva.

1. MAD MAX: ESTRADA DA FÚRIA

Para situar os leitores sobre o que causou a “revolta” nos internautas (jornalistas e blogueiros), segue-se um breve resumo do filme. *Mad max: Fury Road*, filme de ação australiano, dirigido e produzido por George Miller, lançado no dia 07 de maio de 2015, é o quarto filme *Mad Max*, desde 1979², cujo protagonista era o ator Mel Gibson. Agora, no papel de Max, entra em cena Tom Hardy. A história se resume em um momento da humanidade, em colapso, tentando sobreviver ao pós-apocalipse, no meio do deserto de Wasteland, e lutando pelas necessidades básicas como: água, comida e combustível. Quem possui essas riquezas é rei, como o tirano Immortan Joe (Hugh Keays-Byrne), que mantém todos esses recursos sob seu controle por meio do exército de War Boys, incluindo um grupo de “mulheres” que são suas escravas sexuais e seu verdadeiro tesouro por serem “capazes” de gerar filhos saudáveis, num lugar (Citadela) onde todos estão doentes.

² 1981, *Mad Max 2* e 1985, *Mad Max Beyond Thunderdome*.

Como esperança de restauração da ordem e de dias melhores, os personagens Max e a imperatriz de elite, Furiosa (Charlize Theron), acabam cruzando caminhos, quando Furiosa decide roubar o “tesouro” do rei, suas mulheres “parideiras”, e levá-las para um lugar mais digno. Num War Rig (carro de guerra), eles são perseguidos pela gangue de Immortan.

Os dois juntos conseguem trazer à Cidadela a possibilidade de um futuro mais digno para todos. Assim, quando Furiosa consegue matar o tirano Immortan e trazer de volta as mulheres que havia roubado, os habitantes de Cidadela recebem Furiosa como sua nova líder, e Max segue seu caminho sozinho em meio à multidão.

2. POLÊMICA NA REDE: ASPECTOS TEÓRICOS

Para a AD, a palavra “discurso” remete a diferentes acepções. Neste trabalho, seguimos a perspectiva adotada por Maingueneau, na obra *Gênese dos discursos*: “entenderemos por ‘discurso’ uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (MAINGUENEAU, 2007, p. 15). Os discursos são objetos, ao mesmo tempo, linguísticos e históricos, cuja relação remete aos conceitos de “superfície discursiva” e de “formação discursiva”.

Em sua obra, o autor propõe sete hipóteses sobre o discurso: primado do interdiscurso; uma competência discursiva; uma semântica global; a polêmica como interincompreensão, do discurso à prática discursiva; uma prática intersemiótica; um esquema de correspondência. Juntas, tais hipóteses substanciam o olhar do analista do discurso, porém, para nossos propósitos, aplicamos a primeira, a segunda e a quarta hipóteses.

A primeira, sobre o primado do interdiscurso, define o próprio interdiscurso como a verdadeira unidade de análise na pesquisa, entendendo-o como “um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (MAINGUENEAU, 2007, p. 21), organizados em suas particularidades, desdobrando-se em três conceitos: universo, campo e espaço discursivos. Entende-se o primeiro como o conjunto heterogêneo de FDs em interação em uma conjuntura dada, de natureza finita, porém inapreensível em sua globalidade. O segundo é, por sua vez, o conjunto de FDs em concorrência e delimitadas em uma região do universo discursivo, além de ser o lugar de constituição dos discursos. Por fim, o terceiro trata do interesse do

analista que coloca em relação FDs para o entendimento dos discursos, segundo seus objetivos, um subconjunto do campo discursivo.

Retomando a concepção de heterogeneidade de Authier-Revuz (1990) para compreender o Outro no discurso, Maingueneau pontua: “nossa própria hipótese do primado do interdiscurso inscreve-se nessa perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva, que amarra, em uma relação inextricável, o Mesmo do discurso e seu Outro” (MAINGUENEAU, 2007, p. 33).

Na segunda hipótese, Maingueneau destaca o processo de interincompreensão inserido no discurso polêmico, definindo-o como resultado da tradução que o sujeito faz do Outro a partir do enunciado (MAINGUENEAU, 2007, p. 22), contexto em que filtros atuam na filiação de determinados enunciados a certos discursos. Na quarta hipótese, “A polêmica como Interincompreensão”, discute-se o conceito de “simulacro”, isto é, uma tradução, pois: “é um mecanismo necessário e regular, ligado à constituição de formações discursivas que remetem, para além delas mesmas, a descontinuidades sócio-históricas irreduzíveis” (MAINGUENEAU, 2007, p. 105). Portanto, só compreendemos o Outro por meio de simulacros, isto é, de traduções dos valores do outro, segundo nossas próprias FDs.

Seguindo Maingueneau (2007), compreendemos a polêmica no processo de interincompreensão como um fenômeno mais geral entre as FDs, ou seja, uma “espécie de homeopatia pervertida: ela introduz o Outro em seu recinto para melhor conjurar sua ameaça, mas esse Outro só entra anulado enquanto tal, simulacro” (MAINGUENEAU, 2007, p. 113), fundamental para a própria identidade discursiva, já que no discurso é preciso esconder sua vulnerabilidade.

Por fim, destacamos a relevância dos efeitos de sentido para a AD, posto que: “o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (ORLANDI, 2003, p. 32), visto que a construção de sentidos é afetada tanto pela língua quanto pela história. Logo, os efeitos de sentido são construídos na e pela linguagem.

2.2 OS DISCURSOS FEMINISTAS E MACHISTAS: REPRESENTAÇÕES CINEMATOGRÁFICAS

Considerando os discursos feminista e machista, optamos por observar sua constituição a partir da construção e das mudanças da representação feminina no cinema, no século XX, a fim de reforçar as ideias de Maingueneau e Orlandi no que

concerne à produção de efeitos de sentidos atravessados tanto pela história quanto pela língua, além de ratificar o antagonismo entre os discursos examinados.

A mídia de massa sempre foi um recurso poderoso quanto ao desenvolvimento identitário, em especial nas questões de gênero (MORAWITZ; MASTRO, 2008, p. 132), uma vez que pesquisas apontam os efeitos que os retratos de gêneros transmitidos pela televisão produzem nas atitudes, nas crenças e comportamentos das pessoas. Logo, acreditamos que o filme seja um fator e um meio que propaga, dinamiza, estabelece e (re)modela as próprias FDs.

Para este trabalho, escolhemos a FD feminista, contrapondo-a à FD machista, já que a primeira, retratada nos filmes, acompanha a trajetória das conquistas feministas historicamente. Essa representação advém das práticas culturais que refletem e refratam um imaginário coletivo, de modo que, para Kaplan (1995 apud BRAGA; COSTA, 2002, p. 107), há três tipos de representações feitas pelo cinema a partir dos anos 1930 até os dias atuais:

(1) a mulher “cúmplice”, que renuncia aos seus sentimentos pessoais e à sua realização individual, assumindo uma postura frágil; (2) a mulher “resistente”, que surge no século XX com sua integração ao mercado de trabalho e sua emancipação financeira, graças ao movimento feminista; (3) a mulher “pós-moderna”, que, tendo encontrado espaço na esfera econômica e política, conquista a liberdade de escolha desejada e enfrenta as novas e complexas questões que se originam na contemporaneidade – por exemplo, os novos posicionamentos que surgem no âmbito das discussões sobre gênero, homossexualismo, algumas formas não convencionais de reprodução, aborto, AIDS etc. (KAPLAN, 1995 apud BRAGA; COSTA, 2002, p. 107).

Dessa classificação, inscrevemos a personagem de Charlize Theron como pós-moderna, despojada das características dos tipos 1 e 2, posto que, ao assumir o protagonismo no filme *Mad Max*, desencadeia reações inesperadas nos sujeitos inscritos em uma FD machista, ao incorporar características pertencentes, de modo geral, aos protagonistas masculinos, ou seja, a “dócil”, a “bela” e a “frágil” assume a linha estratégica da guerra.

3. O MACHISMO E O FEMINISMO NA POLÊMICA *MAD MAX*

Consideramos o espaço da internet como um lugar atravessado por diferentes FDs, de modo que analisamos os simulacros produzidos nesse espaço, na medida em

que, ao ocupar uma posição enunciativa, a internet adere a uma determinada FD, interessando-nos, especificamente, a feminista e a machista.

A polêmica do filme começou com uma matéria publicada pela revista Time. Segundo Dockterman, a surpresa do filme é que Tom Hardy (Max) não é a estrela, mas Charlize Theron (Furiosa). Tal afirmação “ensejou” o embate entre “machistas” e “feministas” nas questões de gêneros, destoando, desse modo, o que homens esperam em relação às mulheres.

Na matéria, o público descobre que o diretor do filme, George Miller, pediu para Eve Ensler se juntar ao elenco e falar sobre violência contra as mulheres. Ensler, ao compartilhar sua experiência com a TIME, ressalta que espera que as mensagens feministas possam trazer mais histórias de mulheres para o cinema. No trecho recortado (1), observamos a imagem que ela faz de si como feminista, e como se dirige ao Outro, seja a mulher feminista, *empoderada*, independente de faixa etária, seja o homem feminista, na figura do diretor:

(1) [...] George estava procurando criar mulheres empoderadas, não vítimas, e eu acho que ele conseguiu isso. Eu não me lembro de ver tantas mulheres de diferentes idades em qualquer filme antes. Eu fiquei realmente encantada com as mulheres mais velhas no filme que eram tão boas lutadoras quanto os homens. Eu nunca havia visto isso antes. Todas elas têm muita ação e independência.³

A matéria serviu de “combustível” para o blogueiro Aaron Clarey, no blog *Return of Kings*, blog que afirma ser destinado aos “homens masculinos e heterossexuais”, portanto, mulheres e homossexuais são fortemente desencorajados a postarem comentários nele. Além disso, é importante observar como o autor tem sua identidade construída no ROK, e como outros veículos fizeram o simulacro e traduziram essa imagem como parte de um discurso “machista”. O blogueiro é definido como:

Aaron Clarey - capitão Capitalismo é o economista residente da mano/androsfera. Ele é um misantropo, hedonista, niilista, tipo cínico, mas ele continua provando estar certo todos os dias. Ele é o autor de ‘Enjoy the Decline’, ‘Worthless’ e ‘Bachelor Pad Economics’. Ele também dirige a consultoria ‘Asshole Consulting’.

³ Todos os excertos dos blogs e artigos de língua inglesa são traduções nossas e podem ser consultados nas referências.

Clarey polemiza desde o título da matéria, isto é, subverte o nome do filme *Mad Max: Estrada da fúria*, para *Estrada Feminista*, de modo que o leitor entenda isso como uma relação de confronto entre os dois discursos, uma interincompreensão gerada ao relacionar as palavras do nome do filme, no sentido em que o simulacro do feminismo é representado pelo blogueiro, talvez, como sinônimo, ou extensão de algo “furioso”, “violento”. Reage, também, ao descobrir que o diretor chamou Ensler como consultora feminista do filme, utilizando palavras que, novamente, invertem de maneira irônica os discursos do “feminismo” e “machismo”, no trecho (2), vitimizandose, ao dizer que foi “forçado” a fazer algo:

(2) [...] Ai de mim, eu fui forçado a aceitar a realidade. Estrada da fúria não seria um filme feito para homens. Seria uma peça de propaganda feminista se posando como um filme para “caras”.

A publicação viralizou-se nas mídias e vários outros sites (uol, ladobi, oglobo, etc) destacaram falas inteiras de Clarey para criticar sua posição “machista”, visto que o sujeito, de fato, não tem controle pelos efeitos de sentidos produzidos, quando fala (ORLANDI, 2003, p. 32). Pensando tal cenário, recortamos três trechos de matérias sobre a fala de Clarey nos sites brasileiros, os quais produzem um efeito de sentido diferente acerca do “machismo”.

Primeiro trecho (ladobi, oglobo e uol):

Em (3), observamos o simulacro que Clarey faz da atuação de Charlize Theron e Tom Hardy quanto à inversão dos papéis de gênero, representação que o indigna, ao argumentar que ninguém “berra ordens” à Max:

(3) [...] Charlize Theron aparece muito nos trailers, enquanto Tom Hardy (Mad Max) aparece poucas vezes. Charlize Theron com certeza fala muito durante os trailers, enquanto eu acho não ter ouvido uma fala sequer de Tom Hardy. Finalmente, a personagem de Charlize Theron berra ordens para Mad Max. Ninguém berra ordens para Mad Max.

Segundo trecho (ladobi e uol):

Em (4), Clarey faz o simulacro de que “feminismo” e “esquerda” andam juntos, além de enfatizar os aspectos de “guerra” na agenda feminista atual, ao comparar o

filme com o estratagema histórico na guerra entre gregos e troianos, reforçando como os discursos são atravessados e ressignificados, (MAINGUENEAU, 2007), historicamente. Outrossim, faz uma autorrepresentação, pois, ao afirmar negativamente que o Outro vê os gêneros em aspectos igualitários - “físicos, força e lógica”, demonstra que o discurso “machista” seria o oposto, ou seja, a preponderância das diferenças entre os gêneros. Portanto, o discurso “feminista” deve ser extinto por ser “um subterfúgio” usado para “borrar” o que é masculino e o que é feminino:

(4) [...] Mas vamos ser claros. Este é o veículo pelo qual eles estão garantindo uma leitura feminista descendo sua garganta abaixo. Isto é um Cavalo de Tróia de feministas e de esquerdistas Hollywoodianos que usarão (inutilmente) para insistir que as tropas de mulheres são iguais aos homens em todas as coisas, incluindo nos aspectos físicos, de força e de lógica. E este é o subterfúgio que eles usarão para borrar as linhas entre masculinidade e feminilidade, mais adiante arruinando mulheres para homens, e homens para mulheres.

Terceiro trecho (ladobi e uol):

No trecho (5), percebemos que o blogueiro se autorrepresenta como uma pessoa “sagaz”, bem como o são os leitores do ROK, manipulando os internautas para não assistirem ao filme e para “espalharem a palavra” aos outros. Logo, quem assiste ao filme não é sagaz, mas “cordeiros”. Outro simulacro feito do discurso “feminista” inscreve as mulheres desse grupo como uma “ilusão”, pois, mulher de verdade é a “mulher submissa”, que não luta por seus direitos. Além disso, mais uma vez, o blogueiro relaciona o socialismo ao feminismo como construções históricas emparelhadas e absurdas:

(5) [...] Então faça um favor a você mesmo e a todos os homens do universo. Não apenas RECUSE assistir ao filme, mas espalhe a palavra para quantas pessoas forem possíveis. Nem todos eles têm um olhar afiado como nós temos aqui no ROK. E a maioria será envolvida pelos furacões e explosões. Porque se eles forem cordialmente e Estrada da Fúria se tornar um blockbuster, então você, eu e todos os outros homens (e mulheres de verdade) do mundo nunca mais serão capazes de ver novamente um verdadeiro filme de ação que não contenha um maldito sermão político sobre moral feminista, um guerreiro da justiça social e o socialismo.

Na sequência da polêmica, destacamos trechos (6, 7, 8) que os jornalistas escreveram criticando o blogueiro norte-americano, traduzindo a imagem dele como “machista”, mas no sentido histórico e pejorativo do termo. Em *Ladobi*, por exemplo, James Cimino (6), em “Ativistas pelo machismo querem boicotar ‘Mad Max’ por ‘excesso de Charlize Theron’”, faz um simulacro de que “ativistas pelo machismo” são “neuróticos” que “conspiram” sobre tudo:

(6) [...] Não é só no Brasil que há neuróticos que enxergam teorias conspiratórias em tudo. Ativistas americanos em defesa do machismo estão tentando promover um boicote contra o filme “Mad Max: Estrada da Fúria”. Segundo um post do site “Return of Kings” (Retorno dos Reis, em tradução livre), o filme seria uma propaganda feminista.

OGlobo, em “Releitura de ‘Mad Max’ gera polêmica entre ativistas dos direitos dos homens”, traduz a imagem do “machista” (7, 8) de forma negativa, ao colocar em aspas que os homens “estão sendo enganados” por uma “propaganda feminista” cujo objetivo é “minar a masculinidade tradicional”. O site se dirige também aos defensores da igualdade de gêneros, que traduziram a “ira” dos “ativistas” como algo “hilário” (8):

(7) [...] RIO — O filme “Mad Max: Estrada da Fúria” despertou a revolta dos ativistas pelos direitos dos homens. Um grupo americano alega que homens “estão sendo enganados” ao serem atraídos para os cinemas pelas sequências de ação, mas, ao chegarem lá, se deparam com uma “propaganda feminista”. Por isso, os ativistas pediram um boicote ao filme e acusaram Hollywood de tentar “minar a masculinidade tradicional”.

(8) [...] Se, por um lado, o filme provocou ira nos ativistas dos direitos dos homens, a reação desse grupo gerou deboche entre homens e mulheres feministas. Os defensores da igualdade entre os gêneros consideraram os comentários machistas “hilários”.

O site *Uol*, em “Ativistas pelo machismo promovem boicote contra ‘Mad Max: Estrada da Fúria’”, não apenas faz a mesma tradução (9) da imagem de *OGlobo* do “machista” pelo deboche, como também disponibiliza na página uma enquete satirizando toda a polêmica em si. Contudo, dentre os 3.830 votos dos internautas, a grande maioria (27,55%) escolheu a opção: “Macho que é macho não reclama de excesso de cenas de Charlize Theron”, mostrando que o público leitor faz um simulacro do “homem verdadeiro” como aquele que vê uma mulher “loira, esguia e de

olhos azuis” dentro dos padrões da sociedade moderna de beleza, sem considerar qualquer outro aspecto:

(9) [...] A ira dos machistas, no entanto, teve efeito contrário. A reação do grupo gerou deboche entre homens e mulheres defensores da igualdade entre os gêneros. A repercussão, inclusive, teria incentivado essas pessoas a irem ao cinema para assistir ao filme.

A hipótese da produção dos simulacros nos excertos neste trabalho (1 à 9) é de que a mídia possibilita que o OUTRO tenha voz, positiva ou negativa, dependendo do lugar que se enuncia e para quem se enuncia. Predominantemente, os textos nos conduziram a dois simulacros do “machismo” e do “feminismo”. Quando um fala do Outro, partiu-se dos aspectos negativos, mas quando falam de si, em suas autorrepresentações, são destacados apenas aspectos positivos em detrimento do que é negativo no Outro, confirmando o que foi exposto anteriormente sobre a identidade discursiva, pela perspectiva de Maingueneau, em que só compreendemos o Outro por meio de simulacros, isto é, de traduções dos valores do outro, segundo nossas próprias FDs.

O sujeito é definido pelas FDs em que está atrelado. Assim, podemos pensar numa segunda hipótese, refletindo como as ideologias do feminismo e do machismo se apresentam na sociedade atual. Entendendo melhor o funcionamento delas nas análises, pode-se perceber os papéis de gêneros esperados na sociedade ainda patriarcal, por exemplo, quando os internautas argumentaram que o filme *Mad Max* não se encaixa ao estilo de ação esperado por ter uma mulher no papel de protagonista, que luta de igual para igual com os homens.

Dessa forma, percebemos que, pelos simulacros produzidos na mídia, a identidade feminina é perpassada pelo crivo dos homens que ainda as veem mais como “símbolos sexuais” do que pessoas capazes de protagonizarem filmes de ação e de lutarem no mesmo nível que os homens, mostrando sua igualdade em diferentes aspectos, como propõe o feminismo atual.

Considerações finais

Diante desta breve análise, a interincompreensão nos discursos feminista e machista traduziu-se em categorias tanto negativas quanto positivas (trechos 1 à 9) da representação identitária de si e do Outro, confirmando que essas FDs, embora estejam no mesmo campo discursivo, são concorrentes (MAINGUENEAU, 2007).

Ainda observamos a construção dos simulacros de si e do Outro como traduções do discurso do Outro, na própria polêmica criada na divulgação de matérias na internet, que retomaram, em grande parte, trechos dos enunciados do Outro para se autorrepresentarem e representarem, ao mesmo tempo, o Outro, numa relação de confronto explícita. Observamos, também, as diferentes posições assumidas pela própria mídia, pois, ao publicar determinados textos, traduz também seus próprios valores. Todos esses enunciados nos levam à conclusão de que, seguindo Maingueneau (2007), a tradução se dá numa interpretação “negativa” do Outro, neste caso, tanto a visão do feminismo sobre si e sobre o machismo, como a visão do machismo sobre si e sobre o feminismo.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez.,1990.

BRAGA, H. M.; COSTA, V. **Mulheres partidas**: poética e política das imagens fílmicas da mulher, 2002. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n03art05_costa.pdf. Acesso em: 15 out 2016.

CLAREY, A. Why you should not go see “Mad Max: feminist road”. **Return of Kings**, 2015. Disponível em: <http://www.returnofkings.com/63036/why-you-should-not-go-see-mad-max-feminist-road>. Acesso em: 20 jul 2015.

DOCKTERMAN, E. Vagina Monologues Writer Eve Ensler: How Mad Max: Fury Road Became a ‘Feminist Action Film’. **TIME**, 2015. Disponível em: <http://time.com/3850323/mad-max-fury-road-eve-ensler-feminist/>. Acesso em: 20 jul 2015.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2003.

MAD MAX: **A estrada da fúria**. Dirigido por George Miller, 2015.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2007.

MORAWITZ, E. B.; MASTRO, D. E. **Mean girls?** The influence of gender portrayals in teen movies on emerging adults’ gender-based attitudes and beliefs. *Journalism and Mass Communication Quarterly*. 85.1 (2008): 131-146.

OGLOBO. **Releitura de ‘Mad Max’ gera polêmica entre ativistas dos direitos dos homens**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/releitura-de-mad-max-gera-polemica-entre-ativistas-dos-direitos-dos-homens-16167244#ixzz3hm41povB>. Acesso em: 21 jul 2015.

UOL. Ativistas pelo machismo promovem boicote contra "Mad Max: Estrada da Fúria". Disponível em:

<http://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2015/05/15/ativistas-pelo-machismo-promovem-boicote-contra-mad-max-estrada-da-furia.htm>. Acesso em: 21 jul 2015.

Artigo recebido em: 15/08/2016

Artigo aprovado em: 04/10/2016